

37º Encontro Anual da ANPOCS;
ST 30- Sociologia e Antropologia da Moral

Desafiando o código penal e a monogamia: arranjos afetivos e conjugais de praticantes de assaltos contra instituições financeiras

Jania Perla Diógenes de Aquino-
Universidade Federal do Ceará

Introdução

Este paper aborda arranjos afetivos e familiares verificados entre praticantes de assaltos contra instituições financeiras no Brasil. É recorrente entre os chamados "assaltantes de banco" a utilização de vários codinomes e que cada homem mantenha em simultaneidade duas ou três companheiras, residindo em cidade diferentes, estas quase sempre desconhecem a existência de outras mulheres na vida de seus namorados ou esposos. Em larga medida, as maneiras como estes homens conduzem suas relações afetivas e conjugais está associada a demandas da condição de praticantes de assalto, uma atividade ilegal, violenta, alvo de repressão policial, que envolve contínuos deslocamentos e requer mudanças de local de residência em curtos intervalos de tempo. Tais artimanhas da vida amorosa ganham intelegibilidade quando observamos o cotidiano destes "profissionais do crime", marcado por incertezas e mudanças repentinas, onde a aquisição de altas quantias não os isenta dos riscos de serem presos ou mortos em confrontos armados com a Polícia ou com outros assaltantes.

Antes de abordar diretamente os namoros e casamentos de homens que participam de assaltos contra instituições financeiras, é pertinente apresentarmos algumas particularidades destas ocorrências, já que suas dinâmicas e características produzem desdobramentos na vida amorosa de quem as planeja e executa. No Brasil, os assaltos contra estabelecimentos integrantes do sistema financeiro nacional passaram a ganhar visibilidade nos meios de comunicação de massa em meados da década de 1960. Naquele período, o país era governado por uma ditadura militar, os roubos contra agências bancárias, assim como os sequestros de embaixadores estrangeiros emergiam na cena pública como ações organizadas e executadas por militantes de movimentos contrários ao regime autoritário. Posteriormente, durante a redemocratização do Brasil, as ações contra instituições financeiras deixaram de estar associadas a práticas de contestação política e passaram a ser protagonizadas por pessoas sem motivações ideológicas declaradas, classificadas pela Polícia e a imprensa como "criminosos comuns". Em todo o país, a partir do decênio de 1980, houve uma considerável diversificação destas ocorrências. Às maneiras convencionais de realizar assaltos pela invasão de agências bancárias e rendição de seus funcionários e clientes, somaram-se a outros métodos e formatos¹.

¹ Tornou-se corriqueira, a interceptação de carros-fortes em vias expressas das grandes cidades e rodovias que dão acesso ao interior dos estados. Os caixas eletrônicos, que durante os anos de 1990 passaram a ser utilizados em grande escala, foram violados dentro e fora de agências bancárias. Além destas, uma nova forma de assaltar bancos foi colocada em prática: passou-se a sequestrar famílias de gerentes e tesoureiros dos estabelecimentos com o intuito de obrigá-los a abrirem os cofres das agências e postos bancários. Demonstrando "ousadia" e "organização", equipes numerosas de assaltantes passaram a efetuar ações contra as sedes de empresas de guarda e transporte de valores,

Diante do aumento da quantidade de ocorrências verificado na década de 1980, da diversificação nas formas de abordagens de alvos, da sofisticação na logística e equipamentos utilizados pelos assaltantes, instituições do Estado de controle e repressão ao crime, meios de comunicações de massa e sociedade civil passaram a interrogar sobre o perfil das pessoas que praticam esta modalidade de crime no país: quem são? Como vivem? Têm família? O que fazem com as altas quantias que conseguem roubar? Este paper, ao analisar o cotidiano e parte da trajetória de praticantes de assaltos, procuro contemplar tais interrogações. São enfatizados os desempenhos destes homens na condição de pais, filhos, maridos e namorados, papéis sociais que também são constitutivos de suas rotinas, mas que não costumem ser salientados em investigações policiais ou nas narrativas jornalísticas daí decorrentes.

Os dados etnográficos trabalhados no texto são decorrentes do trabalho de campo que resultou em minha tese de doutorado *Príncipes e Castelos de Areia: um estudo da performance nos grandes roubos*, defendida há quatro anos no PPGAS da Usp. Naquele trabalho, embora mencione as especificidades nos arranjos afetivos e conjugais dos meus interlocutores, não chego desenvolver uma análise sobre esta dimensão de suas vidas

1. Singularidades no cotidiano de praticantes de assaltos contra instituições financeiras.

Entre 2000 e 2009 pesquisei os assaltos contra instituições financeiras no Brasil, focalizando diferentes nuances do fenômeno: a dimensão de empreendimento destas operações; a redes de relações que conectam praticantes de assaltos em diferentes estados e regiões do país; o caráter temporário ou circunstancial das quadrilhas que formam para realizar assaltos e a dimensão performática de suas falas e expressões corporais diante das vítimas, no momento de realizar assaltos. Durante o trabalho de campo que desenvolvi, baseado principalmente em entrevistas e inserções etnográficas no cotidiano de praticantes de assaltos, meus interlocutores enfatizaram que, para um assalto ser bem sucedido, é importante que seus protagonistas despertem credibilidade ao papel de “bandido” e levem suas vítimas a concluírem que serão espancadas ou mortas se esboçarem reação aos assaltantes. Dependendo da situação, estes profissionais do crime procuram se apresentar como “bandido implacável”, “bandido bonzinho”,

também conhecidas como “bases de carros-fortes”. Estas, mesmo apresentando rigorosos sistemas de segurança se tornaram alvos de ações organizadas. Neste novo cenário, uma característica das ações criminosas foi a utilização de equipamentos sofisticados. Quadrilhas de assaltantes têm utilizado veículos potentes, armamentos e dispositivos de comunicação modernos.

“bandido de palavra” ou “ bandido racional”, dentre outros estereótipos difundidos sobre comportamentos de “bandidos”, passíveis de ser dramatizados. Assim, as atitudes violentas desferidas contra os reféns, de acordo com suas falas, são vivenciadas como “performances”. Tal manuseio de desempenhos dramáticos, durante a organização e execução das operações de assaltos, possibilitado pela consciência da dimensão expressiva do comportamento, costuma ter continuidade no cotidiano de seus protagonistas. É recorrente que praticantes de assaltos adquiram documentos falsificados e assumam identidades fictícias. Esta prerrogativa está associada a especificidades e demandas presentes nas rotinas de "criminosos foragidos".

Na cotidiano de quem participa de assaltos de grande porte são recorrentes idas a outras cidades e regiões do país para escolher os alvos de suas investidas, elaborar planos, efetuar as ações armadas e, não raro, para fugir da Polícia. Uma das características mais ressaltadas por delegados de Polícia nas quadrilhas que se formam para realizar assaltos contra instituições financeiras no Brasil é a sua composição interestadual, são coletivos que aglutinam assaltantes residentes em diferentes estados e regiões do país, característica que dificulta o trabalho de identificá-los e prendê-los. Por ter um raio espacial de atuação muito amplo, praticantes de assaltos recorrem a dispositivos de comunicação e meios de transporte modernos. Utilizam internet, telefones celulares, rádios comunicadores, sistemas de posicionamento globais(cujos aparelhos são popularmente conhecidos como GPS), veículos de motores potentes, compram ou fretam aviões com recorrência. Desta maneira, asseguram eficiência e rapidez no contato com outros assaltantes e nos deslocamentos de longa distância. Até que sejam identificados pela Polícia ou presos, "assaltantes de banco" não costumam revelar o envolvimento em atividade ilegal aos seus familiares. Esposas e namoradas quase sempre tomam conhecimento da "vida secreta" do companheiro em decorrência de prisões súbitas, pela veiculação de suas fotografias ou retrato falado em jornais impressos e programas policiais de TV, podendo ainda serem informadas por fofocas ou alerta de amigos, familiares e vizinhos.

As elevadas quantias que adquirem roubando banco e empresas de guarda valores costumam ser investidas em bens e negócios legais. Entre os praticantes de assaltos que entrevistei, é recorrente a compra de luxuosas casas, apartamentos, fazendas e carros importados, também é comum o investimento em comércios, postos de venda de combustíveis, farmácias, lojas de materiais de construção, padaria, dentre outros. Além de garantir a "lavagem" de altas quantias decorrentes de grandes roubos, ao formarem patrimônio, assaltantes articulam fontes de renda para o sustento de suas famílias e custeio de suas próprias despesas quando estão presos ou permanecem sem fazer assaltos por longos intervalos de tempo.

O cotidiano destes profissionais do crime condensam singularidades, reunindo experiências aparentemente contraditórias. Ao mesmo tempo que se apresentam como cidadãos de classe média, proprietários de comércios e imóveis, são criminosos procurados pela Polícia. Por longos períodos desfrutam de elevado padrão de consumo, morando em casas confortáveis, utilizando veículos luxuosos, vestindo roupas de grife, frequentando bons restaurantes acompanhados de bonitas mulheres. Tais rotinas se desenvolvem mediante o risco das "máscaras caírem", podem ser "descobertos" e presos. Os períodos de luxo e *glamour* são alternados pelos meses e anos em que permanecem reclusos em penitenciárias. Na maior parte das vezes, as quantias que conseguem acumular e investir não são localizadas e recuperadas pela Polícia, mas há casos em que, além de presos, estes homens são privados do patrimônio que conseguiram formar pelo investimento das quantias que roubaram.

Quando são identificados e passam a ser procurados pela Polícia de um determinado estado ou cidade, praticantes de assaltos tratam de mudar o local de residência. Suas vidas costumam se definir por alternâncias entre a participação em assaltos, estratégias para escapar às punições respectivas a estes crimes e temporadas na prisão, condição que sinaliza o esgotamento ou falhas nos seus repertórios de cuidados e artimanhas. As recorrentes mudanças de endereço não raro são complementadas por outro agenciamento: a adoção de codinomes e documentos falsificados. Participantes de assaltos contra instituições financeiras costumam assumir várias identidades ao longo de suas vidas, sendo que algumas são mantidas em simultaneidade. Estes homens constroem personagens que funcionam como versões de si, encenadas em contextos, nos quais seus nomes oficiais não são conhecidos. Quase sempre são “excelentes mentirosos”.

Ao chegar em determinada cidade com a intenção de fixar residência, praticantes de assaltos elaboram minuciosamente suas *fachadas*. Apresentam enredos fictícios para suas histórias de vida. Utilizando ou não nomes falsos, mentem sobre suas procedências e descendências familiares. Na condição de fugitivos da Polícia, apresentam versões fictícias sobre suas trajetórias e as “profissões” que exercem. Quando se certificam de que não há riscos imediatos de ser identificados, tratam de adquirir bens e construir relações de amizade com moradores da cidade. Compram imóveis, abrem negócios, arrumam namoradas, aproximam-se de pessoas de classe média e alta com perfil similar a do personagem que estão desempenhando. A rigor, os desempenhos dos assaltantes de bancos ao utilizarem nomes falsos e mentirem sobre suas trajetórias e a origem de seus bens nas cidades onde passam a residir quando estão fugindo da Polícia, podem ser classificados como *cínicos*. No entanto, nem tudo do que o dizem e fazem diante daqueles com quem convivem, nestas ocasiões, é mentira ou fingimento. De algumas

peças eles se tornam amigos e não são cínicos quando lhes demonstram afeto e reverências. Ocorre de namorarem e se casarem sem que suas companheiras conheçam seus nomes verdadeiros ou saibam detalhes de sua vida pregressa, chegam mesmo a ter filhos e assumirem legalmente a paternidade com base em documentos falsificados. Em várias situações atores e personagens se fundem.

É recorrente que estes profissionais do crime, estando fixados em uma determinada cidade, tendo adquirido bens, construído amizades e formado família no lugar, tenham que sair às pressas porque alguém no seu círculo de conhecidos ou a Polícia local passou a levantar suspeitas sobre sua pessoa. Nestas circunstâncias, esposas e namoradas ficam encarregadas de administrar o patrimônio do casal, passando a receber visitas temporárias do marido ou a marcar encontros com ele em outras cidades. Assim, o praticante de assaltos fugitivo da Polícia procura um novo lugar para residir e todo o processo de adquirir imóveis, abrir um negócio, fazer amizades e encontrar uma companheira é reiniciado. Imóveis e negócios legais em várias cidades (adquiridos com o dinheiro que roubam de instituições financeiras) vão se acumulando, assim como também se acumulam as mulheres e os filhos.

O envolvimento afetivo e conjugal com várias mulheres, residentes em diferentes cidades, o uso de nomes fictícios e de documentos falsificados é recorrente entre praticantes de assaltos contra instituições financeiras. A cada personagem, costumam corresponder uma companheira, e um conjunto de bens e investimentos no lugar onde ela reside. Esta condição acaba por ser muito favorável para investir e escamotear as quantias que roubam. A manutenção de múltiplas unidades familiares e econômicas em diferentes regiões do país constitui uma salvaguarda no cotidiano de criminosos foragidos, uma vez que dispõem de variados "esconderijos" entre os quais podem se revezar e, assim, permanecer fora da prisão.

Embora as tarefas mais relevantes de uma operação de assalto sejam desempenhadas por homens, é importante salientar que no cotidiano e na trajetória dos praticantes de assalto, o sexo feminino se afirma como protagonista. Há uma considerável dependência operacional e subjetiva destes "profissionais do crime" em relação às suas esposas e namoradas. Dos 41 assaltantes que entrevistei ou conversei informalmente entre 2000 e 2009, 17 são casados oficialmente; 11 deles, embora não tenham contraído matrimônio civil ou eclesiástico, mantêm relações conjugais estáveis com uma ou mais mulheres; 8 estavam namorando há mais de dois anos e, apenas 5 se disseram solteiros. Vivendo rotinas movimentadas e imprevisíveis, praticantes de grandes roubos, raramente, desmancham um namoro ou casamento por causa de novo compromisso

amoroso. Eles costumam conciliar os relacionamentos que já tinham com o que está iniciando. Mulheres são componentes de ideais de masculinidade, sucesso e felicidade entre estes homens. Se a motivação para participar de assaltos(atividade ilegal, mas que rende altas quantias) é a possibilidade de adquirir bens e viver luxuosamente, entre os atributos de uma vida abastada, feliz e bem sucedida, além de carros e casas requintadas, aparições públicas acompanhados de belas mulheres e a oportunidade de apresentá-las aos amigos, na condição de esposa ou namorada, são situações tidas como desejáveis.

Uma fala de Fernando², assaltante de banco e carros-fortes, expressa a associação entre mulheres (bonitas) e bens materiais, raciocínio recorrente entre os meus entrevistados:

F-... é porque o cara duro, o cara não é bom partido pra ninguém? Mulher nenhuma vai querer nada com ele.

J- Então você acha que um homem sem dinheiro não desperta amor em ninguém?

F- Acho que sim. Sim(...) Mas veja, eu não estou falando que a mulheres são interesseiras, que só pensam em dinheiro. Não é isso. O problema é que um cara duro não é bom partido para ninguém, não dar nenhuma segurança a garota nenhuma. Se eu fosse uma mulher eu não iria querer nada com um cara duro. E falo que, assim, por mim o problema não é só se a mulher vai me dar mole ou não. Mas é porque eu, eu Fernando, sem ter dinheiro, eu não me sinto ninguém. E você sabe não é? Quando você mesmo se acha um lixo, você não vai pensar que alguém pode gostar de você, daí o cara não tem coragem de azarar mulher nenhuma. Ninguém vai se impressionar com a lábia de um cara duro.

J- Mas alguns falam que as mulheres gostam de lábia, de uma mentira bem contada.

F- É, mas isso aí é mais folclore. Esse negócio de mulher de malandro, de mulher gostar de cara golpista, é tudo folclore. Na real, só quem se submete a isso aí, desses contos do vigário, são as encalhadas, as feiosas, as velhas, as gordas, porque as mais gatinhas, as "mina sêra"³ essas só vão entrar na do cara se ele tiver condição pra bancar. Essa é a real (Trecho da entrevista realizada com Fernando, no dia 01 de novembro de 2008).

De certo modo, o dinheiro otimiza a autoestima e a masculinidade do meu interlocutor, fazendo-o se sentir "mais homem", já que passa a se considerar mais atraente ao olhares femininos. Dentre os assaltantes com quem mantive contato direto, todos se declararam heterossexuais. Embora tenha perguntado aos entrevistados se tinham tomado conhecimento sobre algum "assaltante de banco" homossexual, as respostas foram sempre negativas. O poder aquisitivo está associado à imagem que os praticantes de assalto com quem tive contato direto cultivam sobre "homem" e do que acreditam serem as expectativas das mulheres (bonitas) sobre um "bom partido".

² Na apresentação dos dados etnográficos deste artigo, todos os nomes próprios, sobrenomes, datas e nomes de lugares são fictícios. O objetivo é assegurar o anonimato dos praticantes de assaltos, de suas esposas, mães, familiares e amigos que contribuíram com a pesquisa.

³ "Mina sêra" quer dizer "menina sereia", trata-se de uma expressão largamente utilizada por surfistas brasileiros para se referir a mulheres que consideram bonitas.

Se a visão predominante é a de que "masculinidade" se define por competência em adquirir patrimônio e capital para assim se tornar desejável às mulheres, tal qualidade de homem "provedor" aparece como "cumulativa", já que são invejados àqueles que conseguem manter várias mulheres. Em algumas falas, a masculinidade é apresentada como diretamente proporcional à quantidade de esposas e namoradas que um homem consegue manter. Neste raciocínio, mulheres (bonitas) constituem aspirações que motivam e recompensam a atitude de se envolver com a organização e execução de grandes roubos e os riscos daí advindos. Alguns itens se destacam nas falas dos meus interlocutores como atributos físicos para uma mulher bonita: glúteo proeminente, corpo magro, definido em formato violão (quadris largos e cintura fina) e cabelos longos, principalmente quando são loiros. Embora não seja tão padronizado como o ideal de beleza física, há também um perfil psicológico específico que almejam para suas companheiras. O gosto por objetos caros e ostensivos está entre as características que apreciam nas namoradas. "Qualidades" como docilidade, capacidade de renúncia e fidelidade incondicional também aparecem como desejáveis. Apresento, abaixo, o trecho de uma entrevista com Fabrício, assaltante de bancos e empresas de guarda valores. Depois de ter me endereçado uma série de galanteios sem obter uma recíproca satisfatória, meu interlocutor concluiu que esta pesquisadora não seria uma opção amorosa ou conjugal interessante para ele. Ao listar as traços do meu comportamento que se afastam do seu ideal de "namorada", Fabrício lista as características femininas que o agradam:

F- No dia que eu te conheci no aniversário do Eduardo, eu pensei muita coisa boa para você, eu viajei mesmo. Eu pensei de verdade que você era a mulher perfeita pra casar. Você muito doce, muito calma, parecia muito meiga. Você me agradou em tudo. (...) Mas hoje eu vejo diferente. É porque você não ia servir pra ser minha namorada de jeito nenhum. Você é dessas temperamentais. No começo eu achei você calma, mas depois eu vi que você é agitada, fala muito, fala na lata. Eu gosto de mulher mais comportada. Só pra dar um exemplo, eu nunca ia aceitar minha mulher ficar conversando com vários homens, do jeito que você conversa. E ainda mais com esses caras (outros assaltantes) (...)

J- Entendi Fabrício, você tem toda razão sobre eu não ser a mulher certa para você. Mas me fala, você acha que as mulheres não devem trabalhar?

F- Depende do trabalho. Eu não sou daqueles que pensam que mulher não serve pra nada, que não serve para trabalhar, eu não acho isso. Eu acho que as mulheres quando se dedicam podem ser bem melhores do que os homens em qualquer coisa. Mas na minha opinião, uma mulher só deve trabalhar, quando não tem um marido ou quando o marido dela não é homem o suficiente para sustentar ela. No meu ramo, você sabe, a gente bota a vida em jogo para ganhar muito dinheiro, mas isso a gente faz exatamente pra mulher nossa não precisar trabalhar. Quando uma mulher tem um marido que se preza, a função dela é somente ficar linda o tempo todo. Tem que viver para encher os olhos do marido. Porque isso é o que dá sentido pro cara se aventurar, é isso que faz o cara fazer qualquer coisa para chegar em casa com os bolsos cheios de dinheiro.

J- Deixa eu entender o que você está falando. Você acha que suas namoradas e a mulher com quem você um dia vai se casar, tudo o que ela deve fazer na vida é ficar linda para você. Ela não deve ter outras

metas e objetivos que sejam só dela? Você acha que deve estar presente em todos os planos da vida dela?

F- Na verdade, eu nunca vou permitir que mulher minha vá arrumar a casa, lavar os pratos, nem fazer coisas cansativas. Pelo contrário, mulher minha tem vida de princesa. Minha ex-mulher tinha três empregadas. Eu só vou querer é que ela me respeite, que coloque nosso casamento em primeiro lugar. Que ela saiba educar nossos filhos e que seja mão firme com eles. Mas antes de qualquer coisa, eu só levo pro altar se eu sentir que ela me ama de olhos fechados e que ela confia em mim acima de tudo, que acontecendo o que acontecer, ela não vai me julgar pelo que os outros falam (Trecho da entrevista realizada com Fabrício, realizada no dia 07 de abril de 2007).

Mulheres temperamentais, que falam muito e conversam com vários homens não despertam o interesse de Fabrício. Por outro lado, meu interlocutor entende que a mulher "perfeita para casar" deve ser calma, meiga, doce, comportada, deve confiar nele acima de tudo, nunca o julgar e deve amá-lo "de olhos fechados". A capacidade de fazer renúncias e de estar disposta a viver momentos "difíceis" ao lado do marido, foram atributos mencionados por vários entrevistados como pré-requisitos para uma esposa. De acordo com os sujeitos da pesquisa, mulheres de assaltantes devem estar preparadas para viver em função das incertezas concernentes às rotinas de seus maridos. Destas se espera entusiasmo para festejar momentos de sucesso e abundância, disposição para suportar "vergonha" e constrangimentos, decorrentes das prisões repentinas dos seus cônjuges, e equilíbrio emocional, diante de perdas súbitas de bens e propriedades.

Conforme, tenho mencionado é recorrente que esposas e namoradas administrem o patrimônio dos companheiros quando eles estão presos. São as mulheres que, na ausência física do pai, assumem a educação dos filhos, impõem proibições e deveres. De acordo com algumas companheiras de praticantes de assaltos que entrevistei, uma tarefa difícil e necessária é justificar e positivar moralmente diante dos filhos, as atividades ilegais desenvolvidas pelo pai deles. Uma retórica das quais estas mães costumam se valer é a ênfase nas qualidade de "provedor" do companheiro. Vejamos a fala de Samara:

Uma vez o pai dele foi julgado por uma assalto na Bahia. Toda vez que eu lembro disso me dá tristeza. O Juninho tinha nove anos, uma tarde ele me chamou pra ficar com ele perto do computador. Ele queria me mostrar na internet uma reportagem do "Diário do Nordeste" que acabava com o pai dele. O jornal dizia que o João era uma criminoso de alta periculosidade. Meu filho tava muito decepcionado, ele me dizia: mamãe é verdade? Aqui está dizendo que papai roubou. Não adianta a senhora me dizer que ele não fez, porque eu sei que ele fez. Se desse eu tinha negado, para meu filho não sofrer, mas não dava. Aí eu disse, meu filho a gente não pode pensar nisso não, ele pode ter feito isso meu filho, mas ele fez porque ele quer dar uma vida digna para você, pra nossa família. Ele não quer que falte nada para vocês. Seu pai é um ótimo pai, ele se preocupa muito com o futuro de vocês. Todo de errado que ele faz, é pensando na gente. (Trecho da entrevista realizada com Samara, realizada no dia 08 de janeiro de 2007).

Diante do filho, Samara absolve moralmente o marido pelos roubos que já realizou, dando ênfase à preocupação do seu companheiro em "não deixar faltar nada para a família". Este argumento é recorrente entre as companheiras de praticantes de assaltos, não só diante de filhos, tal ênfase é acionada quando falam sobre esposos e maridos para pessoas do seus círculos de amizade e até mesmo quando são convocadas a prestar depoimento perante delegados de Polícia.

Se por intermédio de suas companheiras, praticantes de assaltos se afirmam diante dos filhos como "bons" no papel de pai, a partir da ênfase no desenvolvimento da função de provedor, por esta mesma capacidade (de atuar como provedor) que os meus interlocutores se diziam "bons filhos". Vejamos a fala de Emiliano:

O único desgosto que eu dou para os meus pais é de ser ladrão. No resto, eu me dou muito bem com eles, adoro meu pai e minha mãe(...). A casa que eles moravam era muito pequena, mal cabia eles. Eu fiz questão de aumentar, comprei dois terrenos pra aumentar, fiz varanda, área de serviços, hoje lá é um sobrado bem grande, tem um quintal grande, garagem pra quatro carro, é uma casa ótima, deve tá valendo uns R\$400 mil(...). Eu nunca ia me sentir bem de estar vivendo bem e ver meus pais passando necessidade(...) Se eu souber que eles gostaram de alguma coisa, se tão querendo aquilo eu já dou de presente imediatamente. (Trecho da entrevista realizada com Emiliano, realizada no dia 05 de maio de 2003).

A característica de "filho que não deixa faltar nada aos pais" apresentada por Emiliano como uma qualidade sua, costuma ser confirmada pelos genitores de praticantes de assaltos. Trechos de uma conversa que realizei com Haída, uma dona de casa de 58 anos, mãe de David(recluso em um instituto penal do estado do Ceará, depois de ter sido preso em flagrante pela participação em um assalto contra um carro-forte) são ilustrativos:

H-Eu não tive como empatar que isso acontecesse, foi de uma hora para outra. (...) Ele começou com umas amizades erradas, era uns colegas do meu vizinho. Ele começou a dar uns passeio com eles, dormia fora de casa, foi aparecendo em casa com carro. Aí depois foi morar em Pernambuco, e de uma hora pra outra apareceu rico. (...)Tava perto de fazer quatro anos que ele tinha saído da minha casa, chegou a notícia dele tá preso.

J-Dona Haída, como é o relacionamento da senhora com ele, vocês se dão bem?

H-Muito, ele é um chamego medonho comigo, me abraça, me beija, tem a maior alegria quando me vê.

J-E ele costumava dar presentes a senhora?

H- Dava, e ainda dar. (...) mesmo preso ele paga meu plano de saúde, ele que comprou o apartamento que eu moro com a irmã dele, sempre dar dinheiro a ela pra comprar o que eu estou precisando.

J-A senhora ficou triste quando ele foi preso?

H-Muito, a decepção foi grande demais minha filha, para gente que é mãe é muito sofrimento. Eu fiquei muita raiva do David. (...) Foi muita vergonha pra mim, saber dele roubando. Eu jurava que ele

trabalhava numa empresa séria, mas ele tava fazendo coisa perigosa. Mulher, ele me ligava quase toda semana e nunca me disse nada, que roubava.

J-Mas senhora nunca rompeu com ele não é? Nunca ficou sem falar com ele?

H-Nunca, minha filha. Nem se meu filho fosse o pior assassino eu me intrigava com ele. Meu filho tá aqui, mas meu filho não é assassino não, ele nunca matou ninguém. O David se desencaminhou porque teve influência ruim com ele. (...)Ele tem um coração muito bom, ajuda todo mundo. É você precisa conhecer ele, ele é um rapaz charmoso, namorador, cativa todo mundo, é um amor de pessoa. Eu quero apresentar você a meu filho pra você ver. Ele sempre foi daqueles de telefonar só para saber como eu tou de saúde, de mandar eu ir no médico pra ver minha saúde. Até hoje, ele só me chama de mamãezinha. (Trecho da entrevista realizada com Haída, realizada no dia 09 de junho de 2007).

Um dado que me chamou a atenção a respeito dos praticantes de assaltos com quem desenvolvi diálogo é a forma positiva como se percebem e são percebidos por familiares e amigos. Embora, em nossas conversas, não tenham incorrido na defesa moral da atividade ilegal e violenta que empreendem, em sua maior parte demonstraram que se consideram “bem sucedidos”. Além de se afirmarem “bons” nos papéis sociais de “filho”, “pai” e “marido”, costumavam mencionar a grande quantidade de “amigos” que conseguem manter. Proximidades e vínculos com políticos, empresários, artistas e demais personagens com “boa reputação” na cena pública também são assinalados com frequência em suas falas.

Em larga medida, os argumentos e informações mencionados por praticantes de assaltos durante as entrevistas que me concederam, provavelmente visando amenizar a gravidade moral associada a suas práticas ilegais, são reverberados nas falas de suas esposas, namoradas, mães, parentes e amigos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, diversas vezes fui surpreendida pelos comportamentos amistosos e menções elogiosas de outras pessoas em relação aos meus interlocutores praticantes de assaltos. A aceitação entre seus familiares e amigos, mesmo quando a condição de assaltante é de conhecimento público, chegou a me chocar. Se praticantes de outras modalidades de atos ilegais mais rudimentares, cujos ganhos materiais são menores, costumam ser “estigmatizados” e hostilizados ou considerados pessoas fracassadas por seus parentes e conhecidos, os sujeitos desta pesquisa, em sua maior parte, são aceitos entre familiares e não se veem, nem são vistos, como pessoas “que não deram certo” na vida. Identifiquei em todos os entrevistados, rotinas de encontros sociais movimentadas. Na condição de anfitriões ou convidados, participam com recorrência de festas, churrascos, jantares, cerimônias de casamentos, colação de grau, entre outros eventos e cerimônias. Tive evidências de que são “queridos” e respeitados por suas famílias e mantêm amplos círculos de amigos.

Nas seções 2 e 3 deste artigo, focalizo nuances do cotidiano e ocasiões relevantes nas trajetórias de dois praticantes de assalto, Auricélio e João Marcos, respectivamente, dando ênfase

aos arranjos e negociações que desenvolvem para manter de vínculos amorosos com duas ou três mulheres em simultaneidade e, paralelamente, investirem em atividades econômicas legais as elevadas quantias que adquirem, participando de assaltos contra instituições financeiras.

2. Auricélio, "o magnata"

Auricélio Miranda nasceu no ano de 1975, na zona rural do estado de Alagoas. Filho de um casal de agricultores, ele é o terceiro de cinco descendentes, sendo três homens e duas mulheres. Aos 17 anos, terminou o ginásio em uma escola pública do pequeno município. Iniciou-se nas atividades criminais, no início dos anos de 1990, furtando bovinos dos rebanhos de pequenos proprietários de terras, vizinhos dos seus pais. A prática contínua desta contravenção fez com que seu interlocutor fosse indiciado e procurado pela Polícia de sua cidade natal. No ano de 1994, na condição de fugitivo, ele viaja para o interior de Pernambuco, onde arrumou trabalho como segurança particular de um fazendeiro daquele estado. No interior da região Nordeste do Brasil, não raro, esta ocupação envolve eventuais assassinatos a mando do patrão, figurando como uma espécie de disfarce para que grandes proprietários rurais mantenham pistoleiros.

Em 1997, depois de matar um comerciante que se recusava a saldar uma dívida com seu patrão, o alagoano viaja para o Rio Grande do Norte decidido a permanecer alguns meses na propriedade de um parente. Nas primeiras semanas após sua chegada, Auricélio se torna amigo de João Assis, articulador de roubos contra bancos, nas regiões Nordeste, Norte e Sul do país, considerado pela Polícia potiguar o maior assaltante do estado. Por intermédio de João Assis, Auricélio ingressa na prática de assaltos. Depois de participar de ações contra bancos do Rio Grande do Norte e do Ceará, ele viaja para a região Sul, por ocasião de um assalto contra uma empresa de guarda-valores, e decide morar lá por tempo indeterminado. Considerando ser mais “seguro” permanecer em cidades, onde ainda não era conhecido da Polícia, passou alguns anos no estado do Paraná, vindo algumas vezes ao Nordeste, encontrar seus pais ou atender a chamados de João Assis, que requisitava sua participação em “negócios” na região.

Neste período em que esteve no Sul do país, ele viveu em vários municípios. Quando sua condição de procurado pelas Polícias locais, junto com o retrato falado de seu rosto eram divulgados, Auricélio tratava de migrar para outra cidade, tomando providências para alterar a aparência: deixava a barba crescer, pintava o cabelo, usava sempre boné e óculos de lentes escuras. Entre 1998 e 2002, sua vida se desenrolou entre idas e vindas, breves estadias, mudanças corriqueiras de endereço e aparência física, convivendo com habilidosos

“profissionais” de atividades ilegais. Foram intensas as emoções e elevados os riscos. A participação em dezenas de grandes assaltos lhes possibilitou a acumulação de altas somas em dinheiro e a formação de uma "fortuna". Tendo se tornado um "magnata" como gosta de afirmar, ele decidiu fixar residência na região Norte do Brasil. Utilizando parte do dinheiro que acumulou em três anos de prática contínua de assaltos, adquiriu uma fazenda com mais de mil hectares, em um pequeno município do estado do Amazonas e abriu farmácias em três cidades próximas a sua propriedade. Nestas cidades, ele se apresentou como Célio Miranda, filho de latifundiários do estado do Alagoas que, em busca de terras mais férteis para criação bovina, decide residir no Amazonas.

Um conjunto de situações experimentadas por Auricélio e as relações de longa duração que desenvolveu, por meio de nomes fictícios e informações inverídicas sobre seu passado, encontram eco no conceito de *face*, elaborado por Goffman para analisar performances sociais que desenvolvem em um *continuum*, onde um dado desempenho do presente é influenciado pelo passado e condensa as expectativas para interações futuras. De acordo com Goffman, a *face* é uma espécie de "*imagem situada do self*", construída a partir de atributos sociais aprovados. É como se fosse o valor social positivo que um agente social reivindica para si, com base no que os outros entendem que seja a sua "*linha*" na interação *face a face*. (Goffman 1980). Nesta perspectiva, uma pessoa “tem”, “está em”, ou “mantém uma *face*” quando sua *linha*, na situação interativa, corresponde a uma imagem de si internamente consistente. Alguém que no presente consegue *manter a face* certamente, em seu passado, tratou de se abster de atos ou posicionamentos que mais tarde teria dificuldade de enfrentar⁴. Cada *face* está associada a uma *linha*, entendida como “padrão de atos verbais e não verbais” por meio do qual os agentes constroem suas visões das situações que observam ou estão inseridos e, com isto, têm condições de avaliar os outros participantes e traçar planos sobre suas próprias posições. Para Goffman(1980), uma pessoa “tem”, “está em”, ou “mantém uma *face*” quando sua *linha*, na situação interativa, corresponde a uma imagem de si internamente consistente. Alguém que no presente consegue *manter a face* certamente, em seu passado, tratou de se abster de atos ou posicionamentos que mais tarde teria dificuldade de enfrentar. Ao se elaborar uma *face*, é preciso, portanto, adotar *linha* capaz de sustentá-la. (Goffman 1980).

⁴Embora apresente similaridades e intersecções com a categoria *fachada*, a *face* possui uma imbricação maior com o *self* e interfere mais intensamente nas emoções do seu portador. Sem se referir diretamente a *aparências* e *cenários*, a *face* se define pelo comportamento dos agentes.

Em se tratando do personagem utilizado por Auricélio na região Norte, por alguns anos meu interlocutor foi exitoso na manutenção de sua *face*. Seus relatos e narrativas demonstram, que no referido período, ele esteve mais vezes *em face* do que *fora de face*. Célio Miranda, embora fosse um nome falso e estivesse associado a uma versão fictícia do seu passado, era Auricélio que vivenciava àquele cotidiano a maior parte do tempo. As características do personagem e as histórias que meu interlocutor utilizou para adorná-lo são reveladoras do que o próprio Auricélio considera desejável ou de como gostaria de ter nascido e vivido. Ele experimentava uma posição ambígua entre si mesmo e Célio. O papel que desempenhava estava intimamente ligado a sua auto-imagem idealizada e às origens sociais que gostaria de ter. Se no âmbito dos encontros presenciais as *faces* que os "atores" assumem também são desenhadas pelas expectativas das pessoas com quem interagem, definidas por Goffman como *plateia*, estas os levam a reforçar, dar continuidade e avaliar positivamente seus desempenhos. Vejamos trechos da fala de Auricélio:

Eu acertei em cheio, eu cheguei contando uma história bonita e todo mundo acreditou que eu era rico. Acharam que eu era de família rica mesmo. (...) Todo mundo queria ser meu amigo, todo mundo me convidava para os eventos de lá. E eu ficava pensando, se eu tivesse chegado sem dinheiro, procurando emprego, muita gente ia fazer cara feia, ninguém ia me dar atenção. Mas aí, eu comprei uma fazenda enorme, montei uma rede de farmácia. Ai todo mundo fazia festa comigo. Tudo mundo me tratava bem. Todo mundo me queria por perto. Eu era tratado como um magnata, era amigo do prefeito. Eu me relacionava com as melhores famílias. Qualquer moça da cidade, que eu tivesse interesse em namorar, a família ia aceitar, porque ninguém sabia o que eu fazia por fora. (Trecho de entrevista com Auricélio, realizada no dia 19 de dezembro de 2007).

De modo amplo, a busca recorrente dos meus interlocutores de se apresentarem como se fossem ricos envolve também anseio por aceitação, desejo de serem tratados com cordialidade e simpatia por aqueles com quem estabelecem interação. Esta aspiração está associada à crença de que pessoas ricas são aceitas e “bem tratadas” onde quer que cheguem.

Quando se mudou do Pernambuco para o Rio Grande do Norte, Auricélio permaneceu com seu nome de batismo, mas no período que viveu na Região Sul usava o pseudônimo de Élcio Benevides. Célio Miranda, o personagem que vivenciou no Amazonas, parece ter sido seu desempenho mais longo, abrangendo o período situado entre 2000 e 2003. No mesmo ano em que chegou ao estado, o assaltante alagoano se casou com Fabiana, filha de um rico proprietário rural e político conhecido na região. Nas festas e cerimônias da cidadezinha, segundo ele, sempre teve seu lugar, junto com a esposa e os sogros, na mesa do prefeito. Por três anos, conseguiu ocultar suas atividades ilegais de todos.

Evidencia-se, em múltiplos aspectos de sua trajetória de “impostor”, a indefinição inerente aos *performers* nos instantes dos desempenhos. Ele oscila entre a identidade legal de Auricélio Miranda — pistoleiro, assaltante e fugitivo da Polícia — e os personagens que veio encarnar, sempre se representando ou sendo definido como “rico”. Aqui, ganha eloquência a condição *liminar*, já mencionada, sob a qual se desenvolve vidas de praticantes de assaltos, situadas entre vários universos e papéis, “lugares” sempre “perigosos” e instáveis. Verifica-se a transitoriedade entre o que se convencionou conceber domínio do “legal” e do “ilegal”, a oscilação entre posições associadas ao sucesso até condições tidas como fracasso.

No período em que se estabeleceu no estado do Amazonas, apesar do casamento de Célio Miranda com Fabiana, Auricélio manteve um namoro que havia começado em 1997, com Suzana, uma moça do interior do Rio Grande do Norte. Ela possuía uma loja de roupas no mesmo município, onde, ele, ainda Auricélio, foragido da Polícia pernambucana, foi se abrigar na casa de parentes. Nos dois anos em que esteve residindo na região Sul, onde viveu como Élcio Benevides, sempre que vinha ao Nordeste visitava Suzana ou combinava de encontrá-la em outros estados. Depois que se estabeleceu em Manaus, passou a vê-la com menor frequência, no entanto, ele assegura que nunca passaram um período maior do que trinta dias sem se encontrarem. Nos anos de 2000 e 2001, Auricélio adquire imóveis no interior e na capital do Rio Grande do Norte, monta uma revendedora de veículos seminovos, que foi registrada no nome dela. Embora soubesse que seu namorado havia sido matador profissional e que seus bens resultavam de assaltos contra bancos e empresas de guarda-valores, Suzana não sabia da existência de Fabiana, nem de outras namoradas que ele teve depois que a conheceu.

Além de Suzana e Fabiana, Auricélio mantém relações com Eveline Sabóia, uma viúva de 37 anos. Mãe de dois filhos adolescentes, ela é advogada e comerciante de material de construção. Segundo o assaltante alagoano, Eveline é uma mulher inteligente e “conservada fisicamente para a idade que tem”. Os dois se conheceram por intermédio de João Assis, que passou a residir em uma das cidades da região metropolitana de Salvador, em 2003. Antes de mudar para o estado da Bahia, em 2001, João contratou Eveline para regularizar a compra de um posto de gasolina que ele pretendia dar como presente a uma de suas filhas. Nesta mesma cidade, Auricélio, na condição de Leudo Farias, havia comprado duas farmácias e alguns imóveis comerciais. O namoro começou algumas semanas depois que se conheceram, em um almoço oferecido por João. Segundo o alagoano, Eveline, desde o início do relacionamento, estava ciente de suas contínuas participações em assaltos e do seu casamento com Fabiana. Somente o namoro com Suzana permaneceu desconhecido da advogada.

Fabiana, sua família e demais pessoas do município onde ele viveu no Amazonas somente souberam que “o fazendeiro” era um assaltante, por ocasião de sua prisão em 2002. Embora “a descoberta” tenha escandalizado a cidade, causado descontentamento em seu sogro e outros políticos e empresários com quem Auricélio se relacionava, Fabiana não quis se separar do marido e passou a se deslocar todos os meses de sua casa, na região Norte, até a cidade onde ele cumpria pena, para vê-lo. Até hoje, ela não sabe da existência de Suzana, nem de Eveline. Esta última, a advogada que reside na Bahia, também ia visitá-lo uma vez a cada mês, na prisão. Das três mulheres, somente Suzana estava ciente de que havia mais duas. Depois que foi preso, Auricélio montou uma casa e pediu que ela fosse morar próximo à penitenciária, onde esteve recluso. Suzana ia encontrá-lo todas as quartas-feiras e domingos, exceto nos dias em que Fabiana ou Eveline iam visitá-lo. Quando soube que Auricélio era casado e namorava Eveline, ela quis abandoná-lo, mas ele prometeu que quando saísse da prisão iria arrumar um meio de se separar das outras duas e se casar com ela.

Nas entrevistas que me concedeu, Auricélio confessou que mesmo gostando mais de Suzana, não pretendia se separar das outras, pois se o fizesse teria sérios prejuízos. Seus bens do estado do Amazonas estavam todos registrados em nome de Fabiana. E os imóveis e farmácias da Bahia, embora um de seus irmãos seja oficialmente o proprietário de alguns, a maior parte, legalmente, pertencia à Eveline e eram administrados por ela.

Fora da prisão, as tramas da vida amorosa de Auricélio ganharam mais uma protagonista, Larissa. Conforme mencionei, no início de 2008, ele foi beneficiado com o livramento condicional, passando a cumprir sua pena fora da penitenciária. Depois de três meses em liberdade, meu interlocutor obteve permissão judicial para se ausentar, por algumas semanas, da cidade onde cumpria pena. Em Belo Horizonte, foi apresentado a uma moça de 25 anos, que trabalhava para um amigo dele em uma loja de veículos usados. Auricélio afirma que se apaixonou desde o primeiro momento que a viu. Durante sua estadia de uma semana na cidade, os dois iniciaram um namoro. Em poucos dias, ele comprou a loja de veículos do amigo e encarregou Larissa de gerenciá-la. Desde então, meu informante tem viajado regularmente à capital mineira para vê-la.

A prisão aconteceu em agosto de 2003. Na ocasião, o assaltante alagoano estava a passeio com Suzana em São Luis, quando foi surpreendido por uma equipe policial do estado do Maranhão, de quem recebeu voz de prisão. Este acontecimento transformou seu cotidiano, não somente por obrigá-lo a cumprir pena por uma parte dos crimes cometidos ou por ter identificado

e confiscado parte do seu patrimônio, mas também porque interferiu súbita e violentamente sobre a *face* de Célio Miranda, cuidadosamente mantida por 3 anos. A ampla cobertura da prisão pela imprensa policial colocou em evidência a identidade oficial de Auricélio Miranda, tido pela Polícia de vários estados, como “bandido de alta periculosidade”.

Quando tomou conhecimento de que o genro era um “impostor” e praticante de roubos, o pai de Fabiana rompe relações com ele e pressiona a filha a anular o casamento. Auricélio afirma ter sentido vergonha e “vontade de chorar”, ao tomar consciência de que todas as pessoas com que se relacionou ou manteve negociações legais, nos estados do Amazonas, Rio Grande do Norte e Bahia poderiam estar cientes de sua condição de criminoso. Ele estava *fora de face*. Quando surge uma informação ou acontece algo que não pode ser integrado na *linha* que o agente vem sustentando, de acordo com Erving Goffman ele está na *face errada* ou *fora de face*. Para o autor, a reação geralmente identificada com este tipo de situação é a *vergonha*, o agente passa a se situar em *shamefaces*, um estado de perplexidade e embaraço causado pela quebra em sua *linha* (Goffman, 1980).

Além do “sofrimento” de ver suas *fachadas* ruírem, Auricélio temeu que cada uma de suas mulheres soubesse que havia outras e decidissem abandoná-lo. Diante deste perigo, ele apostou em Suzana: chamou-a à prisão, confessou-lhe que havia se casado com Fabiana há três anos e que se relacionava também com Eveline. Garantindo à moça que ela era sua preferida, pediu-lhe para vir morar nas proximidades do presídio que ele estava cumprindo pena, assim poderia permanecer mais tempo com ela do que com as outras duas. Depois de querer abandonar Auricélio e de ter passado um mês sem ir vê-lo, Suzana aceita mudar de cidade para estar mais tempo com o namorado e lhe dar assistência no período em que estivesse recluso. Nesta situação, Auricélio fez uso do seu *aplomb*, expressão definida por Goffman como repertório de habilidades que determinados agentes possuem para contornar incidentes capazes de ameaçarem suas *faces*. Mesmo não sendo mais possível salvar suas reputações, o assaltante alagoano, mobilizou o *aplomb* e conseguiu evitar rompimentos em suas relações amorosas.

D acordo com Goffman, a consciência de ser percebido pelos outros em um estado de confusão pode acrescentar maiores danos aos sentimentos dos agentes e aumentar a desordem na organização expressiva da situação. O *aplomb*, da mesma maneira que pode ser utilizado por quem tenta *salvar a face*, também serve para suprimir o ímpeto dos agentes a ficarem envergonhados, evitando que os outros percebam sua *ausência de face* (Goffman, 1980). Auricélio, dotado de um admirável repertório de mecanismos expressivos, que tem lhe

possibilitado a superação de situações embaraçosas e perigosas, durante a permanência na prisão, parece ter conseguido esconder seu constrangimento de outras pessoas. No interior do presídio, ele teve encontros regulares com suas companheiras, recebeu visitas dos seus advogados, familiares e amigos, tanto os que foram cultivados por Auricélio como alguns que o conheceram se fazendo passar por Célio, Élcio e Leudo, dentre outros personagens.

3. João Marcos: filho, irmão e pai.

João Marcos Bettoni nasceu em 1978, filho único, em uma família de classe média, residente em Vitória. Seus pais eram comerciantes, proprietários de alguns imóveis na cidade e de uma grande loja de tecidos. Com 6 anos de idade, João Marcos os perdeu em um acidente de carro. Juarez, um tio paterno, encarregou-se de cuidar do menino e gerir sua herança. Depois de três anos de conflituosa convivência com a família do tio, João Marcos foi morar com Helena, sua avó materna, em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo.

Quando completou 21 anos, meu interlocutor foi à Vitória no intuito de assumir os bens que seus pais lhes deixaram. Ao chegar à cidade e encontrar com Juarez não recebeu boas notícias. O tio informou-lhe que a loja tinha sido fechada porque já não era um negócio lucrativo e que os imóveis, também deixados pelos pais de João Marcos, tinham sido vendidos para saldar dívidas contraídas em tentativas de fazer a loja voltar a dar lucros. Meu interlocutor ficou transtornado com o que ouviu e não acreditou nas justificativas apresentadas por Juarez. Depois de agredi-lo com socos e empurrões, João Marcos garantiu ao tio que só não ia matá-lo àquela tarde porque não tinha uma arma, mas voltaria para fazê-lo .

A notícia de que já não existiam os bens que foram dos seus pais, e que deveriam ser seus agora, deixou o meu interlocutor confuso e sem motivação para pensar no futuro por vários meses. Segundo ele, passou a infância e adolescência se sentindo seguro sobre a ocupação e a renda que teria quando fosse adulto, tinha certeza que quando se tornasse maior de idade iria tomar posse da herança deixada pelos seus pais. Presenciando a tristeza do neto, dona Helena decidiu ajudá-lo, ofereceu-lhe um dinheiro que há vinte anos guardava em uma poupança. A avó queria que João Marcos se tornasse um comerciante como tinham sido os pais dele. Ele aceitou o empréstimo, mas garantiu à avó que não se tratava de uma doação, tomaria como capricho ressarcir-la em cada centavo.

Com o dinheiro que recebeu da avó, meu interlocutor montou uma loja de produtos variados, papelaria, roupas, perfumes e cosméticos. O negócio cresceu rápido. Meu interlocutor

passou a vender artigos de luxo, calçados e equipamentos esportivos, de marcas nacionais e importadas. Antes de completar dois anos de sua abertura, o comércio de João Marcos, que funcionava em um bairro residencial na garagem da casa da avó dele, mudou para uma ampla sala comercial de um prédio localizado em uma movimentada avenida do centro de Ribeirão Preto. No mesmo ano, ele se casou com Lívia, uma moça que também era órfã e morava com a tia em uma rua próxima da casa de dona Helena. Os dois se conheceram na escola, quando faziam o ensino médio e namoraram seis anos antes das bodas. Lívia tinha feito um curso técnico de enfermagem e trabalhava em uma clínica de estética. Poucos meses depois de casada, ela engravidou de gêmeos. A avó de João Marcos ficou muito feliz com a casamento do neto e com a chegada dos bebês. Segundo meu interlocutor, no período em que seus filhos nasceram, ele se sentia vitorioso, pois tinha formado uma família, sua avó se mostrava sadia e animada, as vendas na loja só aumentavam e ele tinha planos de abrir filiais em outras cidades. À essa altura da vida, João Marcos não pretendia mais ir à Vitória matar o tio.

Algumas artimanhas e transações ilegais nas quais ele vinha incorrendo, contribuíram fortemente para o rápido crescimento do seu negócio. Dois meses depois que a loja foi aberta, João Marcos foi procurado por um homem chamado Henrique, que lhe oferecia várias modalidades de mercadoria com preços muito abaixo do valor de mercado. Tratava-se de produtos oriundos de roubo de cargas nas rodovias próximas do município de Ribeirão Preto. Henrique, junto com mais quatro homens interceptavam caminhões que transportavam calçados, roupas, cigarro e gêneros alimentícios. Vendo nesta negociação, uma possibilidade de ganho rápido, João Marcos se tornou receptador de mercadorias roubadas. Não demorou nem um ano para que Henrique o convidasse a participar diretamente dos assaltos. João Marcos hesitou, mas Henrique lhe assegurou que as possibilidades de ser preso eram mínimas. Com o objetivo de juntar o dinheiro para abrir filiais da sua loja, meu interlocutor ingressa no universo do roubos de carga.

Por não ter experiência no manuseio de armas, João Marcos nunca assumia a tarefa de parar os caminhões e efetuar os assaltos, ele preferia dirigir o carro que levava a quadrilha até o local o ação armada ou transportar a mercadoria do local onde o assalto foi efetivado até os comerciantes que as receptavam. Depois que João Marcos passou a fazer assaltos junto com Henrique e mais três homens, a atuação da quadrilha se expandiu para rodovias federais que ligam a região Sul à região Sudeste do país. O alvo do bando era caminhões com carregamentos provenientes de fábricas localizadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ou mercadorias importadas que partiam de Cidade do Leste, no Paraguai(fronteira com Foz do

Iguaçu, localizada no estado do Paraná), com destino a outras regiões do país. Meu interlocutor obtinha informações sobre a data e horário da saída de caminhões, o destino e o percurso do veículo, o conteúdo da carga, e a quantidade de pessoas que acompanhavam o motorista. Sua rede de informantes envolvia funcionários de fábricas e de transportadores, policiais rodoviários e frentistas de postos de gasolina. Assim, quando os colegas de João Marcos interceptavam um determinado caminhão, dispunham de um conjunto de informações, sobre o veículo, a carga e o condutor. As ações armadas costumavam se realizar a partir da seguinte sucessão de etapas: homens com armamento ostensivo paravam o caminhão em determinado um trecho da rodovia; o motorista era rendido e amarrado com cordas; o caminhão era levado até um local afastado da rodovia, onde havia outros veículos a espera do carregamento; as mercadorias do caminhão eram transferidas para os outros veículos da quadrilha e levadas para municípios do interior de São Paulo e alguns municípios de Santa Catarina, onde João Marcos havia conseguido vários "fregueses", para recepção de parte dos carregamentos roubados.

Atuando nesta modalidade de crime, meu interlocutor acumulou altas quantias, além de vender com facilidade as cargas que sua quadrilha tomava de assalto, ele ainda supria sua loja com parte das mercadorias roubadas sem ter nenhum custo para adquiri-las. Em pouco tempo, ele conseguiu juntar dinheiro e restituir à dona Helena a quantia que ela havia lhe emprestado para abrir a loja. No período que atuava no roubo de cargas, ele se ausentava de Ribeirão Preto pelo menos duas vezes a cada mês, dizia à esposa e à avó que viajava para visitar fábricas e comprar mercadoria por menores preço nas fábricas do Paraná.

Nas cidades do sul do país, onde transitava para organizar assaltos e vender mercadoria roubada, João Marcos Bettoni se apresentava como Marcos Bessa, tendo chegado a emitir recibos e notas com o nome fictício. Além de documentos falsificados, ele confeccionou cartões de apresentação pessoal e de uma suposta loja de atacados, da qual se dizia sócio e representante. Com esta *fachada* ele se apresentava aos comerciantes do interior de Santa Catarina, para quem vendia um parte dos carregamentos dos veículos que interceptava nas rodovias. Assim como outros assaltantes em suas elaborações de *fachadas* e *faces*, meu interlocutor intercalava informações verdadeiras e falsas.

Ele não mentia quando anunciava que trabalhava no ramo do comércio, mas a loja da qual ele se dizia sócio não era a sua, assim, meu interlocutor não era veraz ao dizer que os produtos que vendia provinham de sua loja. Omitia que participava de assaltos. Utilizando-se de um conjunto de mentiras que conseguia intercalar com algumas verdades, ele arrumava fregueses

para as cargas que sua quadrilha roubava. Utilizar nos documentos falsificados um dos nomes que constam nos seus documentos verdadeiros é uma sagacidade que se verifica em vários dos meus interlocutores. Se algum conhecido de Ribeirão Preto o encontrasse nas cidades do Sul do país onde João Marcos se apresentava como Marcos Bessa, não soaria suspeito ele ser chamado apenas de Marcos e não de João Marcos. Sobre as artimanhas em relação a utilização de nomes falso, vejamos a fala de Fabrício(um interlocutor da pesquisa, praticante de assaltos, já mencionado neste artigo) sobre o tema:

Tem que ser cuidadoso com essa coisa dos nomes, porque senão você se perde no seu edifício de mentiras. Por exemplo, uma tática, se numa cidade x eu falei que meu nome era Cláudio, mas na outra que fica perto, eu preciso usar um documento com um nome de Fernando. Se eu pensar melhor, eu vou me apresentar como Dinho. Porque tanto serve para Ferandinho, como para Claudinho. Se alguém vir alguém conversando comigo e vier perguntar: — Pô Cara, você me falou seu nome era Cláudio e ali eu vi o cara te chamar de Dinho. Aí eu falo: — Meu, não tem nada pegando não cara, ele me chama de Dinho pra abreviar Claudinho. Um apelido que emplaca bem também é Dudu. Porque você pode usar muitos nomes com ele, dá pra usar com Eduardo, Durval, Fernando também, porque termina com ‘do’. (...) Dá pra usar também o sobrenome Duarte (...). O cara tem que saber fazer essas ligações, porque senão ele pode se enrolar nas estórias dele e se contradizer em tudo (Trecho da entrevista concedida por Fabrício, no dia 13 de fevereiro de 2007).

João Marcos partilha a opinião de Fabrício sobre a importância de escolher codinomes e apelidos com semelhanças fonéticas. Posteriormente, quando se tornou assaltante bancos, ele mandou confeccionar documentos falsos com os nomes de Roberto Martins e Norberto Dias, e para evitar entrar em contradições ou um eventual encontro de uma pessoa que o conheceu como Roberto com alguém a quem se apresentou como Norberto, adotou a abreviação Beto.

Ainda em suas viagens pelo Sul do país com o objetivo de organizar assaltos e vender mercadoria roubadas, uma tarde, em um loja de conveniência de um posto de gasolina no interior de Santa Catarina, meu interlocutor que se apresentava como Marcos Bessa, foi surpreendido por uma mulher que o chamava por João Marcos. Era Rochelle, filha de uma tia paterna do entrevistado, sua prima. Há muitos anos ele não a via e se surpreendeu por Rochelle ter ficado tão bonita. Casada com um oficial do Exército Brasileiro, ela tinha vindo morar com o marido em Joinville, cidade do interior de Santa Catarina. Todos os dias Rochelle se deslocava para uma cidade vizinha onde cursava a graduação em Jornalismo, neste trajeto ela encontrou João Marcos. A prima ofereceu a casa dela para ele se hospedar, caso fosse necessário, e se prontificou a ajudá-lo com os negócios que estivesse fazendo na região. Em poucas semanas João Marcos se tornou amante da sua prima. Rochelle era uma mulher muito esperta e não demorou a concluir que ele estava envolvido em atividades criminais, mas manteve o segredo e o ajudou, inclusive, obtendo informações que possibilitaram a realização de vários assaltos.

Em agosto de 2009, João Marcos foi preso em Londrina, no Paraná. Na ocasião, ele estava em um *Mitsubishi* modelo L-200 carregada com perfumes *Chanel* e *Lacoste*. A mercadoria foi identificada como parte de uma carga que tinha sido roubada, uma semana antes da prisão, nas proximidades de Foz do Iguaçu. Na ocasião, João Marcos não achou adequado utilizar documentos falsificados com o nome de Ricardo Bessa, ele se apresentou com seu nome verdadeiro, disse que era um comerciante do estado de São Paulo e tinha vindo comprar a mercadoria apreendida de um fornecedor em Londrina. Embora suspeitasse de sua participação nos roubos de carga que estavam ocorrendo na região, o delegado da Polícia civil que o prendeu não conseguiu provar seu envolvimento em crimes contra o patrimônio e o enquadrado como receptor de mercadoria roubada. O advogado de João Marcos alegou que seu cliente não tinha conhecimento da procedência da mercadoria e arrumou algumas testemunhas que afirmaram a idoneidade de João Marcos perante o delegado.

Embora tenha conseguido ser solto sem ir a julgamento e continuar sem uma ficha criminal, meu interlocutor permaneceu recluso na delegacia de Joinville por duas semanas. Este período foi suficiente para ele conhecer e se aproximar de três homens que aguardavam julgamento por terem participado de um assalto contra uma agência bancária em um município próximo à Londrina. Os dias que ficou preso naquela delegacia e o convívio com praticantes de assaltos contra instituições financeiras levaram meu interlocutor a concluir que roubar cargas de mercadorias era muito mais perigoso do que roubar bancos, empresas de guardas valores e carros-fortes. Nestes últimos, as quadrilhas têm acesso direto ao dinheiro, e não são obrigadas a permanecer dias ou semanas com mercadorias que podem vir a incriminá-las, nem precisam arrumar receptores capazes de denunciá-las à Polícia. Quando foi solto, João Marcos entrou em contato com dois colegas dos assaltantes que conheceu na prisão: Glauco Matias, de 27 anos, natural de Belo Horizonte e Ivan Andrade, de 29 anos, natural de Feira de Santana, na Bahia. E no início de 2010, meu interlocutor ingressava no universo dos assaltos contra instituições financeiras.

Na elaboração dos assaltos contra bancos, carros fortes e empresa de guarda valores, ele desenvolve tarefas similares às que desenvolvia no roubo de cargas. Embora tenha passado por treinamento em pontaria, em uma escola de tiro em Ribeirão Preto, João Marcos evita a função de anunciar o assalto e render pessoas. Ele teme que sua inexperiência com armas possa prejudicar a ação criminal. Além de participar dos gastos com a logística e infraestrutura dos assaltos, colabora no mapeamento do local do crime, na elaboração de plano, coleta com afinco as informações sobre os sistemas de segurança dos bancos e a rotina dos seus funcionários.

Por dois anos, Rochelle, que tinha se separado do marido para ficar com João Marcos, acompanhou meu interlocutor em todas as viagens que ele fez para articular assaltos. Em novembro de 2008, ela engravidou e passou a morar em Vitória, em um apartamento que João Marcos lhe deu de presente. Quando a filha de Rochelle nasceu, João Marcos não a assumiu formalmente, mas se comprometeu a arcar com as despesas da recém-nascida e da mãe. Impossibilitada de viajar com o primo em seus deslocamentos corriqueiros para fazer assaltos, ela acabou ganhando mais uma rival, Renata.

João Marcos e mais cinco comparsas tinham ido à Uberlândia, cidade do interior de Minas Gerais, para assaltar uma agência bancária. No local onde o crime seria realizado, ele conheceu a jovem Renata. Vejamos sua narrativa:

Eu respirei o ar de Uberlândia e senti que ali tinha coisa boa guardada para mim. A cidade de médio porte, bonitinha. Com praças, economia boa. Casas bonitas, muitos carros de luxo. Tinha muita gente com boa renda, poder aquisitivo. Todo lugar que a gente ia, tinha mulheres bonitas, na ruas, nos restaurantes. Eu gostei muito da cidade. A gente chegou de manhã, de tarde eu já fui dar uma conferida no banco do Brasil de lá. Uma pessoa de confiança tinha me garantido que no início do mês dava pra gente pegar de 600 a 900 mil, eu fui conferir. Eu entrei lá no banco, tava olhando tudo, pensando como a gente ia fazer, observando o movimento, sem dar na vista. Ai, de repente, eu vi entrando uma morena linda de doer. Eu fiquei de olho nela. Fingindo que tava olhando minha conta e de olho nela, aí eu sorri pra ela e falei "boa tarde". Pra minha surpresa, ela sorriu de volta e respondeu. Ai ela saiu, eu acompanhei, me apresentei pra ela, convidei ela pra jantar, aí começou nossa história. (Trecho de entrevista com João Marcos, realizada em 15 de agosto de 2008)

Depois que fez o assalto, João Marcos voltou à Uberlândia para se encontrar com Renata algumas vezes. Depois de firmar namoro com a moça, ele decidiu abrir uma filial da sua loja na cidade. Desde então, todos os meses, ele fica uma ou duas semanas em Uberlândia, administrando negócios e em atividades de lazer, na companhia de Renata. A moça, que é estudante de administração de empresas, desenvolve a função de gerente comercial na loja de João Marcos.

A última entrevista que realizei com João Marcos foi em abril de 2009, curiosa sobre as estratégias que ele utiliza para conciliar as três mulheres, fiz várias perguntas sobre a rotina destes relacionamentos e seus sentimentos por cada uma de suas companheiras. A respeito de Livia, a única com quem é oficialmente casado, ele declara:

A Livia é um anjo, eu amo muito minha esposa. Ela é mulher muito boa, muito correta. Eu acho que a coisa mais certa que eu já fiz na minha vida foi ter casado com ela. (...) É a minha fortaleza, a pessoa certa para criar meus filhos, cuida da minha avó com o maior carinho do mundo, como se fosse a avó dela. (...) A Livia lembra a minha mãe, o rosto e o cabelo dela se parece com a minha mãe nas fotos que a minha avó tem. O jeito carinhoso dela também lembra a minha mãe nas poucas lembranças que eu

guardo. A minha avó também fala que ela é muito parecida com a mamãe. (...) Ela é a ternura em pessoa, só reclama quando eu tenho que viajar de repente, sem planejar, ela não gosta, mas quando eu aviso antes, ela entende. Nossa, eu tenho muita admiração por ela, a Livia é a aquele tipo de pessoa que sabe cuidar, cuida dos nossos filhos, cuida da minha avó, cuida de mim. (Trecho da entrevista com João Marcos, realizada no dia 13 de abril de 2009).

Ciente das outras relações amorosas de João Marcos, ao ouvi-lo afirmar e repetir sua adoração por Livia, perguntei se ele não tinha intenção de se separar da esposa. Mostrando-se incomodado com a pergunta, a negativa do meu interlocutor foi exaltada, com a expressão facial de quem está convicto, ele respondeu: *Jamais, nem com um revólver na testa eu deixaria ela. E se ela me deixar, eu passo o resto da minha vida correndo atrás dela.*

Mas os sentimentos de João Marcos por suas outras mulheres também parecem ser intensos. Sobre Rochelle, ele diz:

JM-Tem aquela energia de amor de primo entre a gente. Eu gosto muito dela, acho ela muito legal e é alguém que me conhece muito bem, sabe tudo sobre mim. Eu tenho a sensação de que ninguém no mundo me conhece tão bem como ela. Talvez no fundo o que rola entre a gente é uma grande amizade. O certo, talvez, era eu ter visto ela como uma irmã, mas o problema é que ela é muito bonita, gostosa pra caramba... agora é tarde pra pensar assim, a gente já tem uma filha juntos.

J- E como é que vocês estão tratando essa situação da criança, você fala que é sua filha mas não registrou a menina, e o quê sua tia e os outros da família pensam sobre isso?

JM- Todo mundo acha que a filha é do ex-marido dela, quando ela viajava comigo para ver os bancos, ela dizia em casa que estava indo rever o marido. Ai a gente fala que a pensão é ele que dar, mas sou eu que sustento as duas. Todo mês eu vou pra Vitória, fico uns dias, quando dar eu fico uma semana com a Rochelle e a Milena. Ninguém desconfia porque a casa da tia Marta, mãe da Rochelle, fica bem longe da nossa casa. Quando a menina crescer mais, vai acabar vindo a tona, eu vou jogar pra frente, sempre, se depender de mim, a Livia nunca vai descobrir. Mas também eu nunca vou deixar a Rochelle na mão, até porque ela é minha prima, e com exceção minha avó, eu não tinha nenhum parente que fizesse parte da minha vida, com Rochelle eu sinto essa coisa de aconchego, de não ter segredo. Ela sabe de tudo da minha vida.(...)

J- Foi você que contou sobre a Renata? Ela reagiu bem?

JM- Contar eu não contei, mas ela me conhece bem, andou mexendo no meu celular. Eu apago todas as mensagens mas não teve jeito, ela ligou pra loja de Uberlândia, só sossegou quando descobriu. (...) Aí, você imagina não é? Foi aquele show, disse que não me queria mais, que ia contar pra Livia, que ia contar pra Renata. Ela me deu o maior prejuízo na época, porque eu passei um mês praticamente só em Vitória com ela, deixei de fazer assalto, abandonei as lojas e fiquei o tempo todo em Vitória dando atenção pra ela, dizendo o quanto eu gostava dela, que não queria deixar ela, mas que também não podia deixar as outras nesse momento. Mas não foi nada do que eu disse que acalmou a Rochelle, ela só mudou de ideia porque eu fiquei ali um mês inteiro só com ela, fazendo todas as vontades dela. Aquela ali adora pensar que manda em mim. (Trecho da entrevista com João Marcos, realizada no dia 13 de abril de 2009).

João Marcos parece traduzir as relações com as esposa e as amantes a partir das terminologias e funções do sistema de parentesco, mas, surpreendentemente, não são as relação

de afinidade que ele evoca. A caracterização e importância de suas três companheiras são apresentadas e significadas pelo meu interlocutor, a partir de analogias com relações de consanguinidade. Se Livia o faz lembrar de sua falecida mãe, e Rochelle chega a ser pensada como uma irmã, Renata é associada à condição de filha. Vejamos sua fala:

Renata, pra mim é um troféu. Essa mulher linda de doer, você precisa conhecer. Eu nunca pensei que fosse ter chance, ela é mais nova que eu doze anos. Eu sei que eu sou um cara boa pinta, mas ela é muito areia para o meu caminhão. Eu acho que ela se sente atraída porque eu sou de fora de Uberlândia, sou viajado, tenho mais experiência de vida do que ela. Mas é muito areia para o meu caminhãozinho, a Renata tem porte de atriz da globo.(...) Eu fui correndo morar em Uberlândia por causa dela. Tudo bem que eu gostei da cidade, teve uma série de fatores, lá é bom pra mim porque ninguém me conhece, não sai boatos de que eu tou ficando rico muito rápido. Em Ribeirão já tinha muitas conversas, tinha gente perguntando quantas casas eu tinha, quantos carros. Eu não podia comprar mais nada lá, que vinha alguém perguntar como eu tava ganhando tanto dinheiro. Ai vir pra cá foi estratégico, porque eu posso crescer, e ninguém desconfia, ninguém sabe o que eu tenho. Então foi por isso também, mas talvez eu não tivesse vindo tão rápido se não fosse por medo de um par de chifre. (...) Ela é um pouco minha filha, eu tou sempre explicando as coisas pra ela, ensinando, orientado. Qualquer assunto que ela tem dúvida, ela vem correndo me perguntar, assunto da faculdade, da televisão, se ela não entende ela me pergunta, eu me sinto um pouco pai dela. (Trecho da entrevista com João Marcos, realizada no dia 13 de abril de 2009).

Embora afirme que ame as três companheiras e que não pretende se separar de nenhuma, João Marcos acredita que corre maiores riscos de perder Renata do que as outras duas:

A Livia e a Rochelle, a gente já tem filhos juntos, eu acho difícil elas me deixarem. A Renata eu tenho um pouquinho de medo, porque mesmo pensando que eu sou solteiro, ela nunca me falou quer casar, ela toma anticoncepcional. (...) Enquanto ela não tiver um filho comigo eu não vou tá totalmente seguro, sempre fica aquele pulga atrás da orelha.(...) Um filho é uma garantia a mais para o amor. Com uma criança para cuidar, a mulher não vai ter muito tempo para sair de casa, não sai a noite. Pensa duas vezes antes de separar o filho do pai. Sempre vai ter aquela ligação entre os pais. (Trecho da entrevista com João Marcos, realizada no dia 13 de abril de 2009).

Mesmo ciente de estar falando de uma pessoa com um vasto repertório de *fachadas* e personagens construídos com base em informações não verídicas, não acho que João Marcos estivesse mentindo quando falava dos sentimentos por cada uma das suas mulheres. Essa forma de distribuir afetos e atenções, tem relações com seu cotidiano de praticante recorrente de uma atividade ilegal que mobiliza um conjunto de agenciamentos para fugir das punições por seus crimes. Rotinas movimentadas e imprevisíveis produzem desdobramentos sobre sua subjetividade. As recorrentes mudanças de endereços, a necessidade constante de fugir da Polícia, entradas e saídas em penitenciárias, experiências de medo e perigo, idas e vindas em suas fichas criminais e vida afetiva, junto com a utilização corriqueira de nomes falsos, acabam por interferir nos processos de pensar e sentir dos meus interlocutores. Eles não só cometem mais um crime, o de falsidade ideológica, mas incidem sobre formas singulares de conceber o

eu. No texto *A Ilusão Biográfica*, Bourdieu (1996) chama a atenção para mecanismos socialmente vigentes que garantem a condensação e totalização do “eu”, estes, segundo o autor, “favorecem e autorizam a experiência da vida como unidade e totalidade”. O “nome próprio” é apresentado como dispositivo de fixação de uma identidade ao organismo biológico. Tal abstração, que não pode descrever propriedades nem veicular nenhuma informação sobre seu portador, teria o poder de arrancar as pessoas do tempo, espaço e de variações, segundo os lugares e momentos, atuando como “um ponto fixo em um mundo que se move”(Bourdieu,1996). Considerando que meus interlocutores em seu cotidiano subvertem as funções sociais de síntese, coerência e totalidade que o autor atribui ao nome próprio, é possível pensar que estes agentes, em alguns aspectos, escapam dos reducionismos concernentes a tal instituição. O cotidiano de um “assaltante de banco” viria dar relevo às multiplicidades e inconstâncias contidas em cada pessoa. Para Bourdieu (1996) não somos mais do que “uma rapsódia heterogênea disparatada de propriedades biológicas e sociais em constante mutação, para a qual as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço” (Bourdieu, 1996:187). O nome próprio, estando diretamente vinculado à noção de pessoa como unidade e constância atuaria exatamente ocultando e suprimindo as contradições que nos são constitutivas e as transformações que continuamente sofremos.

Marcel Mauss (2003), a partir de uma cuidadosa análise diacrônica, demonstra que a compreensão de um “eu” singular não é uma noção dada ou natural, mas varia de acordo com os contextos sócio-históricos. Entre os *pueblos*, por exemplo, a pessoa não era concebida como uma unidade autônoma e separada do todo, mas tinha caráter de um personagem e suas ações variavam em sintonia com as características dos meios e círculos sociais. Características como unidade e indivisibilidade, inseparáveis da “noção do eu” que tendemos a tomar como natural, são apresentado por Mauss (2003) como um artefato, cuja urdidura levou vários séculos e foi refinada por diferentes etnias.

Algumas situações e contextos do cotidiano de “assaltantes profissionais” podem ser pensadas como espaço ou dispositivo de libertação das sínteses e simplificações que o nome próprio – como mecanismo de fixar um “eu” totalizado e unitário– impõe ao seu portador. Meus interlocutores, vivenciando a condição de “foras da lei” – a partir de suas variadas *faces e fachadas* – teriam a oportunidade de experimentar a dimensão flexível, instável e multifacetada do “eu”. O experimento de um cotidiano *liminar* marcado por mudanças de nomes, residências, e laços conjugais constituiria uma “alternativa de vida” que relativiza e subverte a “noção de

pessoa” fixada por instituições socialmente dominantes, tais como direito, religião e ciência, dentre outras.

O cotidiano de Auricélio e João Marcos sugerem que permissão que estes homens concedem a si mesmos para ser vários culmina em singularidades nas formas de significar a vida, planejar o futuro e vivenciar emoções. Vejamos um trecho da fala de Auricélio:

Ah, eu me acho diferente, com certeza me acho. Essa vida que a gente acaba tendo que levar, tem muita coisa que deixa a gente diferente, que ensina a ver as coisas de outro jeito, a viver a vida de outro jeito. Eu acho que também faz o cara deixar de ser orgulhoso, porque ele nunca vai poder juntar tudo o que ele foi. Juntar assim, em um só. Porque, assim, se ele se orgulha de uma coisa que ele fez, em um lugar, muitas vezes ele não pode usar aquilo na vida que ele vive no presente. Não pode contar aquilo como uma vantagem pra ele porque não faz mais parte, não tem nada a ver com a vida da pessoa que ele tá sendo agora. Você começa a ficar mais desapegado. Você vê que tudo é passageiro e toda uma vida que você constrói em um lugar, que você constrói uma reputação pode cair como um castelo de cartas. Então você aprende a ficar mais desapegado. Se der, deu, se não der, não deu, se não der certo uma coisa que você quer, dar certo outra, e você fica feliz do mesmo jeito.(...) Eu acho que eu aprendi a ser desapegado. Aprendi a não ser vidrado só numa chance só. Você passa a saber aproveitar muitas oportunidades. E também a gente fica especialista em começar de novo, um fim nunca é um fim, sempre você pode conseguir fazer um novo começo, pode fazer coisas diferente de tudo que você já foi (Trecho de entrevista com Auricélio, realizada no dia 10 de abril de 2008).

A disposição de começar e recomeçar parece subverter a visão da existência como um percurso retilíneo, e de si próprio como um só, todo o tempo, e a vida toda. Passa-se a se permitir possibilidades de novos “nascimentos”, várias identidades e múltiplos casamentos. A iminência de rupturas e interrupção de desempenhos, cujos personagens são cuidadosamente elaborados, desencadeia uma abertura nos horizontes para novas formas de experimentar vivências e parece promover um deslocamento de si para possibilidades outras. A vida dos chamados "assaltantes de banco" com quem tive oportunidade de conversar são marcadas por descontinuidades, rupturas e recomeços. A utilização corriqueira de identidades fictícias e o envolvimento afetivo com várias mulheres(que costumam resultar em filhos e formação de famílias) simultaneamente, parecem constituir os principais fatores de dissolução da pessoa como uma unidade, dando lugar a múltiplas versões possíveis de si.

Algumas Considerações

Os vínculos afetivos simultâneos com uma, duas, três e até quatro companheiras, que residem em cidades diferentes, embora não ocorram de modo generalizado entre os chamados "assaltantes de banco", é uma situação identificada com considerável recorrência entre tais personagens do crime. Esta peculiar modalidade de "poligamia", conforme tenho ressaltado, está associada as demandas e especificidades da atividade ilegal que desenvolvem: são homens que viajam com frequência, mudam de residência e cidade em curtos intervalos de tempo, precisam

que outras pessoas assumam legalmente os bens adquiridos com o dinheiro que roubam. Desta feita, dividem-se entre vários personagens e famílias que constroem.

Houve alguns entrevistados que afirmaram preferência por uma de suas companheiras, alegando que só não abandonava as outras mulheres com quem mantêm relações amorosas por motivos como a existência de filhos na relação, a necessidade de ter quem assuma legalmente seus bens ou, ainda, por receio que separação possa magoá-las ao ponto de denunciarem seus cônjuges fugitivos à Polícia. No entanto, a maioria dos meus interlocutores que mantêm várias namoradas ou esposas costumam ressaltar pontos positivos em todas, sublinhando o que consideram "especial" em cada uma delas ou que os mantêm apaixonados. Foram corriqueiras as ênfases positivas em características diferentes nas companheiras de um mesmo homem, disparidades que faziam seus elogios e preferências parecerem contraditórios. Um mesmo entrevistado me disse que gosta muito de Gina, uma de suas mulheres, porque ela é "tímida e reservada", mas que também gosta de Tatiana, outra das suas companheiras, porque "ela é uma morena alegre que está sempre rindo". Houve também um sujeito da pesquisa que se disse encantado pela sua esposa, Cristiane, segundo sua fala ela "é uma mulher muito especial e apesar de quarentona continua gostosa demais, com o corpo todo em cima e ainda tem aquela cara de mulher perigosa". Nesta conversa, este mesmo interlocutor também se disse "apaixonado" pelo "ar de inocente" e o "rosto de anjo" de Camila, uma jovem residente em Barretos, cidade do interior de São Paulo, com quem ele estava namorando há três meses. Não foram poucas as situações em que ouvi, confidências de homens apaixonados por traços os mais variados, e aparentemente contraditórios, em suas diferentes companheiras.

Em relação à duração destes vínculos afetivos, e não raro conjugais, tenho observado que a condição de poligamia "velada" na vida amorosa de praticantes de assaltos costuma se manter por longos períodos sem grandes transtornos. Um mesmo homem consegue manter sentimentos e dividir atenção entre suas companheiras por vários meses e anos. Conflitos e rompimentos ocorrem, geralmente, quando ele é preso. É somente nesta ocasião, ao se depararem com outras esposas, namoradas e filhos, que algumas das mulheres envolvidas nestes enlacs descobrem a "infidelidade" do parceiro. Na condição de presidiário, é muito mais difícil para estes profissionais em atividades criminais, *expert* em desempenhos dramáticos e elaboração de personagens, manterem em segredo os múltiplos vínculos amorosos que, até então, movimentavam suas vida afetivas fora dos muros penitenciários. Se antes, o homem é que ia ao encontro de cada uma de suas companheiras, quando está preso, elas é que são solicitadas a virem até ele.

Nos períodos que permanecem na prisão, praticantes de assaltos costumam sinalizar suas preferências subjetivas no que diz respeito às mulheres e familiares, sendo possível, mesmo, inferir uma escala na distribuição de afetos entre companheiras e filhos. Entre detentos que cumprem pena em regime fechado em geral, é recorrente, que uma parte da família passe a residir em bairros e localidades próximos à prisão. Assim, fica mais fácil o deslocamento de pessoas e o transporte de mantimentos para o preso. No caso dos "assaltantes de banco" que mantêm relacionamentos amorosos com várias mulheres, a escolha da família ou companheira que vai residir nas proximidades da prisão e permanecer mais perto dele, encontrando-o em uma frequência maior do que as outras, é interpretada pelas outras mulheres e familiares como prova de preferência afetiva.

Nas prisões brasileiras, não costumam ser permitidas mais do que duas visitas semanais. Tal regulação tende a gerar transtornos e dificultar as negociações dos praticante de assalto-presidiário com suas companheiras e destas entre si, visando um acordo sobre as datas e a periodicidade com que cada uma vai encontrá-lo.

Tenho observado que o período imediatamente posterior a descoberta de que o companheiro pratica atividades ilegais é vivenciado por suas mulheres como surpresa, desilusão e vergonha diante de familiares e amigos. Todavia esta notícia que abala, raramente chega a destruir um relacionamento amoroso. A revelação que efetivamente arrisca os vínculos de praticantes de assaltos com suas várias companheiras é a descoberta mútua de que não têm exclusividade na vida do parceiro. Tal informação costuma provocar mágoas e sofrimentos que, segundo algumas mulheres com quem conversei, não são esquecidos nem mesmo quando o relacionamento é reatado.

Depois que tomam conhecimento e conseguem superar o fato de que seus companheiros mantêm várias namoradas e esposas, muitas mulheres tendem a incorporar o *ethos* de uma contínua e acirrada competição com suas rivais pela atenção, confiança e afeto do marido. Assim cada uma delas mobiliza artimanhas específicas para a ganhar "preferência" do companheiro recluso em regime fechado e ser requisitada para visitá-lo com mais recorrência do que as adversárias. Há casos em que uma dada mulher, sendo competente na gestão dos bens e negócios que o marido lhe confiou, utiliza-se desta "qualidade" para ganhar mais atenção do amado; outras mulheres ganham pontos nesta concorrência, a partir de conquistas efetuadas no trato com juízes, promotores e o advogado do companheiro. Ao alcançarem êxitos em investidas como antecipação do livramento condicional, transferência do parceiro para penitenciárias mais

confortáveis ou outros tipos ganhos que resultem na amenização da situação penal do marido, estas mulheres pretendem sensibilizar seus companheiros sobre o esforço que estão fazendo para tirá-los da cadeia. Há também mulheres que, ao identificar intensidade no afeto do companheiro por um(a) certo(a) filho(a) que têm em comum, incentivam e sublinham esta ligação emocional, conseguindo, por meio dela, permanecer mais tempo com o pai da criança do que suas concorrentes.

Nestes complexos enlacs, são proeminentes os agenciamentos de diferentes personagens. Se a agência do homem praticante de assalto é manifesta nas negociações criativas e arranjos elaborados para assegurar namoros e casamentos com suas múltiplas companheiras(antes e depois de suas tendências poligâmicas ganharem visibilidade pública), suas mulheres(depois de aceitarem que não são exclusivas na vida do companheiro e que sua relação com ele nunca foi monogâmica) também se mostram astutas nas artimanhas que acionam, tendo como objetivo ganhar a atenção e a "preferência" do amado.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Jania.P. D. "Redes e Conexões Parciais nos Assaltos contra instituições financeiras." *in Dilemas- Revista de Estudo de Conflitos e Controle Social*. Vol 3, N. 10. Out, Nov, Dez, 2010, pág.75-100

_____*Príncipes e Castelos de Areia: um estudo da performance no grandes roubos*. São Paulo: Ed 24 horas, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica* In FERREIRA M. e AMADO J. "Usos e Abusos da História Oral". Rio de Janeiro. FGV. Ed. 199

Código Penal. São Paulo:Revista dos Tribunais, 2002, 4ª edição.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1992. 3ª ed.

_____*A Elaboração da Face*. In FIGUEIRA, Sérvulo Augusto(org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FranciscoAlves, 1980.

MAUSS. Marcel. *Uma Categoria do Espírito Humano: A noção de Pessoa, a noção de Eu* in *Sociologia e Antropologia*. Vol 2. São Paulo: EPU e EDUSP.1974